

UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA DA REGIÃO DE CHAPECÓ

UNOCHAPECÓ

Área de Ciências Sociais Aplicadas – ACSA

Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo

Ana Carolina de Assis Marinho da Silva

Relatório Projeto Experimental

**Os Outros Somos Nós**

Chapecó, novembro de 2014.

ANA CAROLINA DE ASSIS MARINHO DA SILVA

Relatório Projeto Experimental

**Os Outros Somos Nós**

Relatório do Projeto Experimental apresentado à disciplina de Projeto Experimental II como parte dos requisitos de avaliação do curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Angélica Luersen

Chapecó, novembro de 2014.

## **RESUMO**

Este relatório descreve o processo de elaboração do Projeto Experimental que se constitui de um ensaio fotográfico sobre os haitianos viventes em Chapecó-SC. O envolvimento com este tema surgiu do documentário Rekòmanse, realizado durante a disciplina de Telejornalismo III. Devido à proximidade com o grupo de estudo, foi pensando em olhar o cotidiano destes haitianos sob o âmbito da fotografia de retrato. O trabalho foi elaborado através da percepção empírica no que tange a construção de uma nova sociedade chapecoense, na qual novos atores sociais se inserem e passam a compor o mosaico da cidade. O intuito foi documentar a interação destes indivíduos no cotidiano de Chapecó. A proposta é mostrar as perspectivas e realidade destas novas rotinas que acabam não sendo tão distintas das nossas.

**Palavras-chave:** Fotografia, Haitianos, Chapecó, Migração.

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>05</b>
<b>1. DESENVOLVIMENTO DO PROJETO .....</b>	<b>07</b>
1.1 MIGRAÇÃO.....	07
1.2 A CHEGADA DOS HAITIANOS EM CHAPECÓ .....	08
1.3 FOTOGRAFIA.....	09
1.4 ENSAIO FOTOGRÁFICO .....	11
1.5 RETRATO.....	12
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>15</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>17</b>
<b>APÊNDICE (Pré-Projeto).....</b>	<b>18</b>

## INTRODUÇÃO

Analisar os modos de convivência na vida de outro alguém faz-nos perceber como somos próximos, apesar das barreiras que impomos. Retratar o cotidiano dos haitianos é poder disseminar quem somos nós através do outro. Compreender a variação da humanidade em relação à raça, etnia, credo, e tantas outras características do ser humano, é perceber cada vez mais a nossa interligação. Poder enxergá-los como são, sem óculos estereotipado, é um exercício para a evolução.

A ligação com o tema deste projeto surgiu por meio do trabalho acadêmico realizado durante a disciplina de Telejornalismo III, em 2013, sendo esse, o documentário *Rekòmanse*, que também retrata a rotina dos imigrantes sob a perspectiva fílmica. A convivência, quase que diária, com a vida destes haitianos desenvolveu em mim a vontade de continuar estudando o tema.

Sempre gostei da ideia de realizar um trabalho de conclusão de curso através da prática fotográfica. Como venho de outra universidade, nesta primeira instituição já tinha desenvolvido um projeto na qual a intenção era documentar o estágio da urbanização da cidade do Recife em pleno século XXI através da fotografia. Apesar do trabalho não ter saído do papel, a ideia continuou na cabeça.

Já aqui em Chapecó, depois de uma longa jornada, a ideia inicial era permanecer com o mesmo projeto arquitetado em Recife, a produção de um livro de fotojornalismo sobre o estágio urbano da cidade no século XXI. No entanto, devido ao tema requerer um tempo maior de estudo e pesquisa, indo além dos seis meses destinados para a realização do Projeto Experimental, foi pensado em escolher uma das temáticas que entrariam no livro para desenvolvê-la em específico, e assim apresentar, nesta fase final, um trabalho mais denso e melhor elaborado.

Escolhemos, por fim, os haitianos. Além da convivência e da amizade construída por conta do documentário, sinto-me em uma situação muito parecida com a deles. A noção de não está no seu ambiente natural, longe da família, dos costumes e da cultura que te construíram e te constroem como pessoa, cidadã, é tão contraditória, quanto necessária. A busca pela adaptação da identidade é uma guerra gritante que povoa a alma dos migrantes. Tento carregar comigo, aonde for, todas as identidades de uma nordestina, e tento mantê-la cristalizada, mas me pego em conflito quando percebo que

esta construção estagnou, devido à distância, e que recebo diariamente constantes injeções de novas identidades.

Ao retratar o cotidiano deles, foi como enxergar a mim e perceber que somos cada vez mais inter-relacionados. Que necessitamos um do outro, além das nossas diferenças. Que essa miscigenação identitária é a constituição do ser humano.

# 1. DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

## 1.1 MIGRAÇÃO

O processo migratório é um movimento natural aos seres humanos desde o início da humanidade. Dessa forma o mundo fora povoado. Estamos sempre em constante mutação, e a mudança de casa, bairro, cidade, estado, região ou país, parece ocorrer como sentido natural das coisas. Migramos por vezes em busca da sobrevivência, ou por simples necessidade, ou mesmo por satisfação pessoal.

Esse deslocamento, no entanto, gera um movimento inevitável de transformações na nossa identidade. Passamos a tentar nos alocar no ambiente geográfico e histórico ao qual nos inserimos. Apesar de agregar novas percepções sobre a realidade alheia, transformamos também nossa identidade primária. Por vezes, entramos inclusive em um processo de silenciamento dos costumes viventes no ambiente natal para, assim, nos sentirmos parte da localidade atual. Todo migrante está sempre em busca de se alocar, acostumar.

Segundo as nações unidas do Brasil, há no mundo, 232 milhões de migrantes, ou 3,2% da população mundial<sup>1</sup> em estado de deslocamento. Para o Departamento da ONU de Assuntos Econômicos e Sociais (DESA), os fluxos migratórios atuais mudaram suas rotas. Anteriormente o principal percurso escolhido era na direção Sul-Norte, ou seja, pessoas dos países localizados ao sul da linha do Equador migravam para os países desenvolvidos como Estados Unidos, Portugal, Canadá e Espanha. Hoje, percebe-se uma forte influência de migrantes entre os próprios países do sul, em especial para aqueles em estágio de desenvolvimento como o Brasil e a China.

Nesse contexto, o Brasil vem se destacando como uma das principais rotas mundiais de migração. Por trás dessa posição, é possível identificar dois vetores principais: em primeiro lugar, o Brasil conta atualmente com grandes investimentos em setores basilares, como construção pesada, tecnologia da informação e petróleo (óleo e gás). Em segundo lugar, a escolha do Brasil como país sede da Copa do Mundo da Fifa Brasil 2014 e da cidade do Rio de Janeiro como sede dos Jogos Olímpicos de 2016 aqueceu os negócios para o setor de construção e para o terceiro setor, gerando oportunidades nos segmentos de hotelaria, restaurantes e turismo. (FERNANDES, 2014, p. 2).

---

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://www.onu.org.br/mundo-tem-232-milhoes-demigrantes-internacionais-calcula-onu/>>. Acessado em: 26.10.2014.

O primeiro processo migratório existente em Chapecó foi a chegada dos migrantes alemães e italianos sobreviventes da 1ª e 2ª guerras mundiais, que encontraram aqui um lugar para continuarem suas vidas, com terra, comida e trabalho. Não consequentemente, mas com a mesma intenção, os haitianos perdidos, com sua nação devastada devido ao terremoto, vêm ao Brasil buscando encontrar os mesmos subsídios que em outrora os migrantes europeus acharam: terra, comida e trabalho. No entanto, o preconceito racial e a xenofobia, marcas que perduraram aos descendentes dos primeiros imigrantes, são fortes elementos que distanciam estes dois povos, brasileiros e haitianos.

A crescente chegada de imigrantes haitianos para Chapecó está completamente ligada às questões levantadas por Fernandes (2014), anteriormente citada. Sob as características locais, obviamente, a demanda por mão-de-obra nos setores da agroindústria e da construção civil tem voltado os olhares das populações não só haitianas, como também, senegalesas, e atraído a atenção do empresariado chapecoense. Essa expressiva contratação de estrangeiros para substituir os empregados locais demonstra o grande desgaste aos quais os trabalhadores chapecoenses se encontram por conta das pesadas rotinas de trabalho nestes setores da economia.

É perceptível no espaço fotográfico o isolamento deste povo, por vezes nem parece está no Brasil. Eles estão conglomerados em suas comunidades, nos bairros da cidade, isolados. Quase não existe relacionamento com o povo local (branco), este distanciamento é claro principalmente nas fotos do culto, no qual a igreja é frequentada somente por haitianos. Por isso, a ausência deste contato nos retratos registrados.

## **1.2 A CHEGADA DOS HAITIANOS EM CHAPECÓ**

O fluxo migratório proveniente do Haiti no Brasil, depois do terremoto que devastou o país em janeiro de 2010, é tão intenso que se tornou uma pressão para as autoridades brasileiras, as quais admitem dificuldade para gerir a chegada destes imigrantes. Com uma média de 200 estrangeiros por semana que chegam ao Brasil estima-se, segundo dados da Polícia Federal em Chapecó, que cerca de 15.000 haitianos vivam no país atualmente.



De acordo com a narração feita pelos haitianos: Daniel, Alan e Noel, integrantes deste projeto, a entrada no Brasil acontece pelos diferentes acessos com os países vizinhos. Um destes caminhos é a vinda de avião do Panamá ou República Dominicana até o Equador, depois, por via terrestre, os haitianos se deslocam para o Peru, seguindo até a fronteira com o Acre.

A entrada de haitianos no Brasil por este ponto se tornou tão comum, que a Polícia Federal mobilizou uma sede exclusiva para atendê-los. Mas com a entrada demasiada e facilitada na fronteira brasileira, o Conselho Nacional de Imigração limitou o número de vistos humanitários, que são os solicitados pelos refugiados, há 1200 por ano<sup>2</sup>.

Em Chapecó, a realidade não é diferente, vários haitianos são direcionados para trabalhar no município através da Polícia Federal. Neste caso, a chegada deles ao oeste catarinense desmascara uma deficiência local: a falta de mão de obra nas agroindústrias, forte potência econômica da região. Com a dificuldade de encontrar funcionários devido aos grandes problemas de saúde que a rotina pesada de serviços causam aos colaboradores locais, os frigoríficos acabam por utilizar o trabalho dos estrangeiros.

Assim, os haitianos que se dizem formados, políglotas e intelectuais se sentem submetidos, para sobreviver e manter os que ficaram no país de origem, ao frio das câmaras frigoríficas, a carga de trabalho pesada, além do salário reduzido que é oferecido pelas agroindústrias.

Como personagens principais do ensaio, temos o cotidiano de duas famílias haitianas que vivem no Brasil desde 2011. Trabalhadores de uma agroindústria, que batalham para viver em Chapecó. A demonstração da rotina dessas famílias pretende levar as pessoas a refletirem sobre a vida de brasileiros e haitianos e suas relações. Somos todos iguais e pretendemos o mesmo objetivo, viver com dignidade.

### **1.3 FOTOGRAFIA**

O registro fotográfico foi escolhido para este projeto por representar para mim uma forma de olhar diferente da qual nosso cotidiano apressado, estereotipado e discriminatório está fadado a ver. Através desta linguagem busquei identificar as

---

<sup>2</sup> Haitianos no Brasil: Fluxo Migratório e Comunidades Virtuais. Patrícia Fernandes, 2014

igualdades existentes na rotina dos haitianos que muitos não veem e pensam ser diferentes. A partir daí, pude enxergar as especificidades que nos distinguem, mas não em um modo pejorativo, ao contrário, nos baseia para a troca de conhecimento.

Segundo Aumont (1993), ao ter uma experiência fotográfica, ou imagética, nenhum indivíduo consegue ter um contato abstrato “puro”, pois sempre incluiremos no nosso olhar as perspectivas das nossas influências, culturais, econômicas, políticas e etc. “É o conjunto desses fatores ‘situacionais’, se assim se pode dizer, fatores que regulam a relação do espectador com a imagem” (AUMONT, 1993, p. 9). O autor Ivan Lima também concorda com essa expressão de Aumont quando afirma que as fotografias podem ser interpretadas por todos “segundo seu saber pessoal” (LIMA, 1988, p. 13). Assim, a demonstração da rotina dos haitianos vem no intuito de quebrar a barreira do preconceito e mostrar a igualdade existente entre nós.

Durante o processo de produção das fotografias para o ensaio foram feitas quatro visitas às famílias haitianas. Como dito anteriormente, já existia uma certa intimidade com o grupo estudado, a partir do documentário produzido em 2013. Pude assim, acompanhar com calma a vida deles dentro da simplicidade de simplesmente ser. Na primeira visita, quando cheguei à comunidade onde vivem, eles estavam em grupo, só de homens, e cortavam os cabelos um dos outros na entrada da casa, praticamente no meio da rua. Só com lâminas de barbear e um pente, um apurava o outro. Ao me deparar com essa cena, logo saquei a câmera da bolsa e cliquei, sem nem dizer boa tarde. Essa era toda a intenção do trabalho, estar ali sem propriamente está, registrar o que os olhos não viam. Nesses momentos não se tem muito tempo para pensar, e nem era a intenção modificar a rotina dos personagens. “Por isso, convém a um fotojornalista andar permanentemente munido, especialmente durante as horas de trabalho” (SOUSA, 2002, p. 61).

Na segunda visita, a primeira família estava almoçando, eram 15h30 do dia 14 de setembro de 2014. Os haitianos têm o costume de almoçar entre às 15h e 16h, principalmente nos finais de semana, por conta do culto evangélico o qual frequentam. E da mesma forma, munida dos equipamentos fotográficos, fui clicando. Eles achavam estranho, mas ao mesmo tempo divertido. O fato de já terem participado do outro trabalho, o deixaram mais leves e por vezes nem percebiam minha presença e da câmera ali.

Um pouco das técnicas usadas para a compreensão deste projeto partiu dos estudos etnográficos e da observação participante. Como a etnografia significa a descrição de um povo, foi escolhida a fotografia para descrever os haitianos. A observação participante entra nesse processo como método de pesquisa “que coloca o pesquisador no meio da comunicação que ele está estudando” (ANGROSINO, 2009, p.17). A percepção dessas duas técnicas foi de extrema importância para que eu aceitasse o que estaria por vir e pudesse ser o máximo possível neutra na compreensão do que estava enxergando. A fotografia representa nesse estudo a capacidade de “capturar o acaso, eternizar determinado instante” representando “uma visão simbólica da imagem original, a partir do olhar de quem produziu aquela imagem” (COUTINHO, 2012, p. 339).

#### **1.4 ENSAIO FOTOGRÁFICO**

Os haitianos foram escolhidos para o ensaio por representar, neste momento histórico da cidade, um processo de adaptação, ao qual experimentam os imigrantes e os nativos chapecoenses. A criação deste projeto surge com o intuito de aproximar a distância em que vivem esses dois povos, já que a colonização, nesta parte do país, se deu por imigrantes italianos e alemães, tendo em sua grande maioria a população da cor branca, no qual, não só o preconceito pela cor prevalece, mas também um certo grau de xenofobia. Aglomeramos também a esse contexto, inclusive, a reflexão do pensamento sobre os migrantes de qualquer parte do país, que circulam por nossa nação, como o fluxo de emigração de regiões para regiões. Fazer o ensaio com os haitianos é narrar uma história de várias vidas.

Segundo Fiuza (2008), o ensaio fotográfico vai além de um conjunto de fotos. A autora busca a definição para este conceito de trabalho muito antes da existência da fotografia, na época em que os ensaios literários dominavam o pensamento dos seus leitores, gerando as imagens através da imaginação. Para a autora:

ao mergulhar em um ensaio o autor se vê inserido em um processo que exige muito mais que a captura de imagens. Exige uma reflexão sobre a conexão entre estas imagens, sobre a edição que melhor pode expressar sua intenção no trabalho (tendo assim mais efeito que a simples exposição de tudo que se pode revelar a respeito do assunto em questão) e sobre a apresentação que seja mais eficiente para tocar o outro, seu apreciador. (FIUZA, 2008, p. 171).

Das várias fotos clicadas, foram escolhidas para este trabalho 22 fotografias, elas descrevem o cotidiano dos haitianos chapecoenses. Desde a ida aos cultos evangélicos, demonstrado sua fé e oração ao mesmo Deus de muitos brasileiros, até as atividades corriqueiras de cortar o cabelo; almoçar e caminhar pelas ruas do bairro onde vivem.

Os grupos de fotografia sugerem um fio condutor que demonstra a igualdade existente entre as vidas de duas nacionalidades distintas, haitianos e brasileiros, que só será identificado através da interpretação.

As imagens não sofreram muita interferência editorial. Durante o processo de edição, foi pretendido simplesmente o clareamento de determinadas imagens que necessitavam de luz. As demais obtiveram um tratamento na intenção de deixá-las linear referente à iluminação da fotografia. “É intuitivo afirmar que ao iluminar-se um motivo em detrimento de outro(s) se revela unicamente aquele que está exposto à luz. Mas não é só por essa via que a iluminação contribui para a atribuição de sentidos a uma imagem” (SOUSA, 2002, p.93). Não é só a luz, no sentido de aparição/demonstração/apresentação de um objeto que se dá o mecanismo de iluminação de uma imagem.

Já para a exposição do trabalho, foi pensado em um formato acessível a várias pessoas, proporcionando o conhecimento da rotina destes imigrantes. A exposição fotográfica surgiu como melhor opção e deverá ser elaborada posteriormente. Assim como o documentário *Rekòmanse*, pretendo levar a exposição para onde seja possível mostrar, e desta maneira, demonstrar a necessidade de compreendermos os mundos distintos do nosso, como algo natural e humano.

Neste projeto, ao invés do uso de legendas para cada foto, foi pensado em um texto de apresentação, como suporte inicial, para dar maior liberdade de interpretação ao interlocutor. No âmbito jornalístico, as imagens estão conectadas aos textos de maneira recíproca, a complementariedade existente entre estes dois tipos de discurso auxiliam na percepção e absorção do conhecimento por parte do receptor. Por isso, optar por um texto de apresentação. As legendas, nesta leitura, poderiam causar uma quebra da linearidade do contexto fotografado, provocando distúrbios na pedagógica do discurso fotográfico.

## 1.5 RETRATO

Inicialmente, não sabíamos como as fotografias seriam feitas, em que formatos seriam fotografadas. Tinha uma noção e uma tendência à perspectiva de retrato, mas esse método surgiu durante o sentimento de cada imagem retratada. No resultado da primeira visita, percebemos o direcionamento para o estilo retrato. Entretanto, só no final, quando todas as fotografias estavam expostas sobre a mesa da orientadora, professora Angélica Luersen, que percebemos o trabalho como um todo. Isso foi muito importante durante o processo de feitura do projeto, pois não fui a campo engessada, tensa, com a responsabilidade de fazer determinadas fotografias. A liberdade de estar ali, com o meu olhar, com o que eu sinto diante deles, com a minha vontade de demonstrar que eles são iguais a nós, foi o sentimento movedor de todo o percurso para chegar a este fim. Além do fato da abertura com o grupo estudando, deixando-me a vontade para chegar e sair à hora que pretendesse.

Assim, escolhemos o retrato por que:

os leitores gostam de saber como são as pessoas que aparecem nas histórias. A difícil tarefa do fotojornalista ao retratar alguém consiste em procurar não apenas mostrar a faceta física exterior da pessoa ou do grupo em causa, mas também, em evidenciar um traço da sua personalidade (...) A expressão facial é sempre muito importante no retrato, já que é um dos primeiros elementos da comunicação humana. (SOUSA, 2002, p.121).

A dificuldade e também beleza neste tipo de fotografia é perceber as expressões faciais, o olhar, o gestos, já que são elas quem darão sentido a essa comunicação humana ao qual Souza (2002) cita. Algumas fotografias foram posadas e outras espontâneas, mas ainda nas posadas havia um certo tom de espontaneidade, já que não eram por mim indicadas, eles que gostavam de se organizar para as fotos e pediam para fazer poses. As outras aconteceram em momentos como narrado anteriormente, em que chegava e os haitianos já estavam em alguma atividade corriqueira me permitindo o clique do momento. “A questão da pose também é pertinente (...) com a pose pode ganhar-se em capacidade de se impor um sentido à imagem e em valor documental o que se perde em naturalidade” (SOUSA, 2002, p.122).

Nas fotografias de retrato é aconselhável por alguns autores e profissionais que se utilize a luz natural em detrimento da luz artificial, nenhuma das fotos clicadas obteve

auxílio de flash, ou outros equipamentos de iluminação, fui a campo somente com corpo da câmera e lente.

Dentre as fotos selecionadas do projeto, temos dois tipos de retrato, o individual e o coletivo, que ainda se definem em ambiental e *mug shot*. O retrato ambiental tem por objetivo retratar além do indivíduo sua perspectiva ambiental, como o próprio nome já diz. É demonstrar através do *locus* a identidade do ser retratado. A maneira mais aconselhável de se chegar a transmitir essa personalidade através da fotografia é utilizar de um ambiente habitual, tal qual íntimo, para o personagem, deixando-o e sentindo-se a vontade naquele local. O fotógrafo começa, de acordo com a penetração no grupo, fazendo parte daquela realidade, daquele ambiente, chegando ao ponto de não ser percebido, obtendo assim a liberdade da fotografia.

Já o *mug shot* é um termo em inglês, e significa “‘to make faces’ (‘fazer faces’), corresponde às pequenas fotografias da cara e ombros de uma pessoa” (SOUSA, 2002, p.123). Nesse objeto temos fotografias mais fechadas, na qual a expressão facial é a única aliada que proporcionará a emoção e a intencionalidade pretendida a transmitir. Nessa perspectiva, temos as imagens de Alan e Daniel, que foram pegos de surpresa no momento da foto. O interessante nesse tipo de foto foi poder representá-los como são, felizes, sorridentes, espontâneos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A continuação e persistência no tema se deram devido às notícias circulantes na grande mídia sobre ataques físicos e psicológicos aos haitianos residentes em grandes capitais. Após o trabalho pronto, foi publicada uma matéria no jornal impresso Gazeta do Povo, de Londrina-PR, no dia 20 de outubro de 2014, noticiando agressão física e mental a 13 funcionários haitianos, dentro da própria empresa onde eram contratados. As denúncias aconteciam desde julho. Diariamente, como afirmou um deles ao jornal, eles eram chamados de “macaco” e “escravo”. O rapaz em questão foi espancado até perder os sentidos por dois funcionários brancos, após pedir para que parassem com os xingamentos<sup>3</sup>.

A triste falta de educação das pessoas gera essa ignorância brutal. O conhecimento é fonte para eliminarmos estas relações de preconceito da nossa rotina. A disseminação de ideias a favor das minorias deve ser incentivada sempre, para que cada vez, mais e mais pessoas possam se reconhecer como iguais.

Na primeira conversa com um dos integrantes deste ensaio, foi percebida a falta de noção dos haitianos em relação às diferenças entre negros e brancos pregadas no nosso país. No Haiti, não há esta discriminação tão aguda, tal qual o Brasil. Permanecer com eles nesse estudo é uma maneira de transmitir o pensamento livre dos estereótipos e das diferenças raciais, demonstrando as semelhanças entre nossas vidas, de brasileiros e haitianos.

Nas quatro visitas, em nenhuma delas houve dificuldades em está ali, barreiras impostas pelo grupo de estudo. Ao contrário, sempre se mostraram dispostos e abertos a deixarem se conhecer. Os haitianos também veem nestes trabalhos acadêmicos a oportunidade da sociedade local conhecê-los e perceberem que são tão humanos quanto nós.

A escolha dos mesmos personagens trabalhados no documentário para este ensaio justifica-se na possibilidade da mínima interferência possível no cenário pretendido a ser narrado. O fato de já me conhecerem auxiliou na naturalidade com que a minha

---

<sup>3</sup> Notícia disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1507461&tit=Xenofobia-se-converte-em-agressoes-contrainmigrantes-haitianos->. Acessado em: 22/10/2014

presença e a da câmera foram tratadas. O projeto buscou então retratar o modo de vida deles da maneira mais fidedigna possível. No intuito de germinar o pensamento das liberdades entre negros e brancos. A demonstração da rotina encontra-se aqui como fio condutor para a compreensão de que apesar das diferenças culturais, linguísticas, de nacionalidade, somos todos parte da mesma organização, a humanidade. Nas atividades mais comuns, feitas por ambos os sexos, raças, religiões, ricos ou pobres, como ir à igreja, corta o cabelo ou comer, estão a nossa forma de sermos mais humanos e iguais.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e Observação Participante**. Porto Alegre-RS. Editora Artmed, 2009.

AUMONT, Jacques. **A Imagem**. 16ª edi. Campinas, SP. Papirus, 2011.

COUTINHO, Iluska. Leitura e Análise da Imagem. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2ª edi. São Paulo: Editora Atlas, 2012.

FERNANDES, Patrícia. XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – INTERCOM, 37, 2014, Foz do Iguaçu. **Haitianos no Brasil: Fluxo Migratório e Comunidades Virtuais**. São Paulo-SP. INTERCOM, 2014. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-2432-1.pdf>. Acessado em: 26/10/2014.

FIUZA, Beatriz; PARENTE, Cristiana. **O Conceito de Ensaio Fotográfico**. Discursos Fotográficos, Londrina, v. 4, n. 4, p.161-176. 2008.

LIMA, Ivan. **A Fotografia é a sua Linguagem**. Rio de Janeiro-RJ. Editora Espaço e Tempo, 1988.

SOUSA, Pedro Jorge. **Fotojornalismo: Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Porto, 2002.

**APÊNDICE (Pré-Projeto)**

FACULDADE MAURÍCIO DE NASSAU  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL  
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

ANA CAROLINA DE ASSIS MARINHO DA SILVA

OS ASPECTOS CARACTERIZADORES DA URBANIZAÇÃO RECIFENSE NO INÍCIO DO  
SÉCULO XXI

RECIFE 2010

ANA CAROLINA DE ASSIS MARINHO DA SILVA

OS ASPECTOS CARACTERIZADORES DA URBANIZAÇÃO RECIFENSE NO INÍCIO DO  
SÉCULO XXI

Projeto apresentado como requisito  
para aprovação da disciplina de  
Projeto Experimental I, orientado pela  
Professora Mona Lisa Dourado.

RECIFE 2010

## Sumário

<b>1. Introdução</b>	<b>4</b>
<b>2. Tema</b>	<b>5</b>
<b>3. Delimitação do tema</b>	<b>5</b>
<b>4. Título</b>	<b>6</b>
<b>5. Objeto de estudo</b>	<b>6</b>
<b>6. Formato</b>	<b>6</b>
<b>7. Justificativa</b>	<b>6</b>
<b>8. Formulação do problema</b>	<b>7</b>
<b>9. Hipóteses</b>	<b>7</b>
<b>10. Objetivos</b>	<b>8</b>
<b>11. Metodologia</b>	<b>9</b>
<b>12. Quadro teórico de referências</b>	<b>10</b>
<b>13. Cronograma de Atividades</b>	<b>12</b>
<b>14. Bibliografia</b>	<b>13</b>

## **1. Introdução**

A partir da chegada dos colonizadores portugueses ao Brasil foi dada a largada ao processo de urbanização do país. Com a divisão das terras brasileiras em capitanias hereditárias, não só o país, mas a capitania de Pernambuco começou a ser povoada dando início à urbanização. Com a chegada da mão-de-obra escrava e o desenvolvimento do ciclo econômico, cana-de-açúcar, deu-se início, então, as construções arquitetônicas, como vilas, igrejas e claro, o comércio.

Ao longo dos anos Pernambuco recebeu povos de diferentes nacionalidades como holandeses, espanhóis e franceses, que acrescentaram novas culturas ao local, tornando o estado mais rico e diversificado. Com a vinda desses povos novas visões de urbanização foram se adaptando a estrutura da região, remodelando assim o estado e suas cidades.

Por ser Recife a cidade portuária, foi a primeira a receber essa carga de influências européias. Há vários registros do desenvolvimento da cidade como a criação das pontes, faculdades e paisagens do local. Porém, hoje, em pleno início do século XXI, não existe registros do atual momento em que a cidade se encontra no seu processo organizacional.

O projeto passeia por esses locais de urbanização da cidade para retratar, registrar e caracterizar este fenômeno. Penetrar no universo do cotidiano recifense e individualizá-lo dos outros grandes centros urbanos. Não como uma comparação, mas identificando aspectos diferentes de urbanização ocorridos só na cidade do Recife.

## **2. Tema**

Os aspectos caracterizadores da urbanização recifense no início do século XXI

## **3. Título**

Urbano Recifense

## **4. Delimitação do tema**

O livro de fotojornalismo busca detalhar os principais pontos da urbanização no Recife, marcando os aspectos mais importantes deste fenômeno.

A caracterização do urbano no Recife é o foco do projeto. Mesmo dotado de todos os aspectos identificadores de um processo de urbanização em qualquer grande capital, o intuito é encontrar nessa igualdade pontos que diferenciam a urbanização recifense das outras megalópoles.

O papel principal do projeto é analisar os problemas sociais e as melhorias trazidas por uma urbanização, e expor essa análise para a sociedade. Serão analisados como aspectos positivos o paisagismo, o carnaval, o turismo e as pessoas que fazem o Recife. Já como aspectos negativos serão discutidos o trânsito, a desigualdade social, o saneamento básico e a prostituição.

O processo de urbanização da capital de Pernambuco começou desde o século XVI, século antecessor a chegada da família real, e modificou-se ao longo dos anos em estágios econômicos e contemporâneos de transformações urbanas. Ou seja, de acordo com os ciclos econômicos e os avanços sociais ocorridos, a urbanização acompanhou e transformou a cidade.

O objetivo do projeto é documentar o estágio urbano em que se encontra o Recife atualmente, caracterizando-o e individualizando-o das transformações urbanas geradas em outras grandes capitais.

Atualmente, no século XXI, ainda não foi encontrado um projeto que documenta a situação urbana da cidade. Esse registro é de fundamental importância para que os recifenses e pessoas de outras cidades tenham aparato para estudar a história do Recife.

## **5. Objeto de Estudo**

A urbanização na cidade do Recife

## **6. Formato**

Livro de Fotojornalismo

## **7. Justificativa**

O urbano no Recife surgiu no século XVI, com o passar do tempo e a chegada de novos povos, a cidade foi se remodelando para suportar tantas culturas e modos diferentes de vida. Sendo assim, de acordo com os ciclos econômicos, como a cana-de-açúcar, o café, as oligarquias, e os ciclos culturais, a sociedade foi evoluindo e a cidade se urbanizando. Essa evolução modificou o cenário histórico do Recife e conseqüentemente seus habitantes e sua forma de olhar este centro urbano modificado a cada dia que se passa.

A capital pernambucana já passou por várias modificações econômicas, tecnológicas e sociais, mas ainda permanecem elementos dessas mudanças sofridas pela cidade. A convivência entre esses diferentes níveis de urbanização é retratada com os paradoxos, arquitetônicos, por exemplo, que vemos nas ruas da cidade. Como uma rua mal asfaltada em que ainda dá para ver a linha do bonde, ou a convivência entre o Recife Antigo e o conceituado Shopping Paço Alfândega.

O tema foi escolhido devido ao interesse de poder fotografar a cidade sob um olhar diferente e ao mesmo tempo poder documentar um estágio de desenvolvimento do Recife. A fotografia foi escolhida por ser um registro visual do fato, já que só a documentação textual não passaria completamente a informação necessária a ser transmitida.

A pertinência deste projeto parte da documentação de uma época em que a urbanização recifense se encontra. Fixando na memória de seu povo e na história da capital como a cidade está urbanizada em pleno início do século XXI. O objetivo é criar um marco histórico.

Esse registro é de fundamental importância para que os recifenses e outras sociedades tenham aparato para estudar a história do Recife. O projeto contribui para a sociedade expondo para ela uma análise sobre o estágio de urbanização em que o Recife se encontra.

O olhar sob a capital pernambucana vai explorar sua individualidade e apresentá-la à população, que convive diariamente com a urbanização, dando uma gama maior de conhecimento para os recifenses sobre os recifenses e para outras sociedades que estudam elementos como o Recife. Ajudando também aos estudiosos que terão base para outras pesquisas.

## **8. Formulação do Problema**

- \* O que caracteriza a urbanização na cidade do Recife no início do século XXI?
- \* Como convive a cultura contemporânea com as fortes marcas da cultura colonial no Recife?

## **9. Hipóteses**

- \* A urbanização do Recife não é igual há 100 anos devido às mudanças econômicas e culturais pela qual a cidade passou.
- \* O urbano recifense é diferente de outras megalópoles.
- \* Grandes monumentos arquitetônicos, culturas dos diferentes povos que viveram no Recife, estão enraizados na cidade e hoje disputam espaços com gerações contemporâneas.
- \* Os dois tipos de cultura, a contemporânea e a colonial, podem conviver sem deixar o Recife perder a beleza que tem.

## **10. Objetivos**

### **10.1 Objetivo Geral**

- \* Documentar a urbanização recifense no início do século XXI.

### **10.2 Objetivos Específicos**

- \* Individualizar a urbanização no Recife.
- \* Explorar a convivência entre o colonial e o contemporâneo.
- \* Registrar as diferentes características da urbanização no Recife.
- \* Detalhar os principais pontos da urbanização marcando os aspectos mais importantes deste processo.



## **11. Metodologia**

### **11.1 Descrição do campo de observação do estudo**

#### **A) Ótica Geográfica**

Fotografar e documentar o atual estágio de urbanização da cidade do Recife e registrar a convivência da cultura colonial e da contemporânea na capital. O período analisado será de Janeiro de 2010 a Maio de 2010.

#### **B) Ótica Setorial**

Individualizar a urbanização recifense sob os aspectos diferentes do urbano fixados na cidade. Serão debatidas através das imagens as influências da urbanização de um determinado aspecto, como trânsito, na vida da população.

### **11.2 Caracterização da Pesquisa**

- \* Essa pesquisa pode ser definida pela pesquisa descritiva e teórica.
- \* A pesquisa será descritiva, pois irá expor as características do fenômeno: urbanização na cidade do Recife, através da observação do sistema. Tendo por objetivo, também, estudar as influências do urbano na vida dos recifenses e a convivência entre culturas diferentes.
- \* Também é uma pesquisa teórica por que busca reconstruir o conceito do urbano na cidade do Recife, através da individualização e caracterização deste fenômeno.

### **11.3 Coleta de Dados**

#### **Observação**

Analisar os fenômenos produzidos pela urbanização que atingem as pessoas da cidade.

#### **Experimental**

Por abranger uma área ainda não estudada e poder descrever, através de imagens como, atualmente, está o fenômeno da urbanização no Recife.

## **11.4 Métodos de Procedimentos**

### **Fotografia**

Fotografar pelo menos oito aspectos, quatro positivos e quatro negativos, que constituem a urbanização no Recife. Cada aspecto formará um capítulo do livro de fotojornalismo, contendo, cada um, cinco fotografias relativas ao tema.

## **11.5 Método de Abordagem**

### Método Dedutivo

Serão analisados os aspectos macros existentes em qualquer urbanização e refletiremos sobre a influência deste aspecto no indivíduo, tornando-o micro. Sendo assim a urbanização do Recife será caracterizada e individualizada.

## **12. Quadro Teórico de Referências**

Como o projeto se trata da documentação de um fato, de um estágio de urbanização de uma cidade, o registro através de imagens traz para o receptor mais clareza e realidade ao assunto abordado.

“É apenas a partir do momento em que a imagem se torna, ela mesma, história de um acontecimento que se conta numa série de fotografias (...), que começa o fotojornalismo propriamente dito.” (FREUND, 1995, p.112).

O olhar buscado sob a cidade do Recife é totalmente particular e exprime todos os sentimentos implícitos e explícitos demonstrados no contato com os temas que serão abordados neste projeto.

“(…) exprimir, através da imagem, os seus próprios sentimentos e as suas ideias sobre os problemas da sua época” (FREUND, 1995, p. 154).

A ideia da documentação surgiu através do fato de não existir registros que preservem o momento atual em que a cidade do Recife vive. Explorar este estágio de sobrevivência ainda inexplorado e poder reproduzi-lo para a população como objeto de estudo é de grande valia para a história desta capital.

No modo visual, muitos objetos se destinam a glorificar ou preservar a memória de indivíduo ou grupo (...). Mas a maior parte do material visual produzido diz respeito unicamente à necessidade de registrar, preservar, reproduzir e identificar pessoas, lugares, objetos (...). Esses materiais são de grande utilização para demonstrar e ensinar (...). É a utilização de todos os níveis dos dados visuais para ampliar o processo da comunicação humana. (DONDIS, 1991, p.183).

No contexto em que vivemos hoje, no qual as imagens falam mais que as palavras e são elas as primeiras a serem fixadas nas mentes das pessoas, tenho a imagem como a representação do presente. Como o objetivo do projeto é marcar esta época na consciência coletiva recifense, busco, através de imagens, relatar a realidade deste estágio urbano.

A fotografia não reproduz abstrações. Representa um caso concreto, um fato particular, o presente. A palavra revela melhor o conhecimento subjacente na memória que, todavia, é construído por imagens fixas (...) Ao que é impossível descrever, torna-se indiscutível a prioridade da imagem visual, por sua capacidade de reproduzir e sugerir, por meios expressivos e artísticos, sentimentos, crenças e valores. (BIANCO, 1998, p 43 e 44.).

## **14. Bibliografia**

DONDIS. A, Donis. Sintaxe da Linguagem Visual. São Paulo. Martins Fontes Editora. 1991.

FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Moreira L. Míriam. Desafios da Imagem. São Paulo. Papyrus. 1998.

FREUND, Gisèle. Fotografia e Sociedade. 2ª ed. Lisboa.Vega. 1995.